



Massa Crítica

Luís Marques
l.s.marques@sapo.pt

A CORRUPÇÃO DOS OUTROS É A PIOR

A detenção da grega Eva Kaili, vice-presidente do Parlamento Europeu, suspeita de corrupção a favor do Catar, provocou reações firmes na política portuguesa. O ministro dos Negócios Estrangeiros, João Gomes Cravinho, revelou “grande preocupação” com o sucedido, preocupação provavelmente agravada com o facto de Kaili ser socialista. Estão em causa “as instituições europeias”, afirmou com apropriada solenidade. Já Marcelo Rebelo de Sousa não fez as coisas por menos: são necessárias “consequências exemplares”, pois, rematou com determinação, “em matéria de corrupção não há meio termo”. Muito bem. Não podemos ser condescendentes com a corrupção. Dos outros.

Quando se trata da corrupção doméstica a firmeza amolece, as declarações tornam-se redondas, as certezas diluem-se e as instituições deixam de estar em causa. No Parlamento Europeu ainda só há uma suspeita de corrupção detida, a própria Eva Kaili. Em Portugal estão detidos, também por suspeita de corrupção, cinco altos quadros do Ministério da Defesa, incluindo o ex-diretor de Recursos de Defesa Nacional Alberto Coelho. O agora ministro dos Negócios Estrangeiros tinha a tutela da Defesa quando os factos terão ocorrido. Seria suposto, por maioria de razões, que tal facto lhe provocasse “grande preocupação”. E que Marcelo viesse pedir “consequências exemplares”, já que “em matéria de corrupção não há meio termo”.

Pois, mas isso é quando a corrupção ocorre no longínquo Parlamento Europeu. Ai não há presunção de inocência. Cá há. Depois de muito pressionado, João Gomes Cravinho lá veio garantir que seguiu “os procedimentos” e que o “momento é da justiça”. O mesmo repetiu Marcelo: “A justiça tem de funcionar.” Quando não há nada para dizer, segue-se o guião escrito por António Costa: “A política que é da política, à justiça o que é da justiça.” A ideia é boa para evitar embaraços. E tantos embaraços tem havido. E tantos casos há em que a política e a justiça se cruzam, sem que o nível de indignação se compare com o provocado pela senhora Eva Kaili. É a política a funcionar.

Um estudo apresentado a semana passada pela Fundação Francisco Manuel dos Santos revela que os políticos portugueses são mais tolerantes com a corrupção do que os cidadãos. As conclusões são tiradas a partir de inquérito que envolveu as duas partes, pelo que pode haver alguma subjetividade. Mas o comportamento dos políticos e respetivas reações aos sucessivos casos de corrupção, abusos de poder e tráfico de influências são objetivos, podemos ver, ouvir e ler. E essas reações confirmam o essencial das conclusões do estudo “Ética e Integridade na Política”.

A tolerância com a corrupção é um traço dominante da política portuguesa. Não é de agora, mas agravou-se. A intolerância com a corrupção dos outros é uma novidade, muito conveniente. É verdade que o comportamento da senhora Kaili, apanhada em casa com sacos de notas, facilitou. Não há tolerância que resista a tanto amadorismo.

PREÇOS

Tendência Economistas esperam descida sustentada da inflação nos próximos meses. Mas mantendo-se bem acima dos 2% de referência para o BCE

Já passámos o pico da inflação?



O gás liderou a subida de preços no consumidor em Portugal em novembro, mas desacelerou face a outubro FOTO CHRISTOPHER FURLONG/GETTY IMAGES

Textos SÓNIA M. LOURENÇO

Ao fim de um ano sempre a subir — agosto foi a única exceção —, a inflação em Portugal recuou em novembro. O mesmo aconteceu na zona euro e também nos Estados Unidos. A inflação mantém-se em valores que não eram vistos há décadas, mas já passou o pico e vai recuar? Economistas ouvidos pelo Expresso esperam uma descida consistente nos próximos meses. Contudo, avisam que a inflação deverá manter-se bem acima dos 2% de referência para o Banco Central Europeu (BCE). Até porque o aumento dos preços, que começou pela energia e alimentos, já se disseminou pela economia.

A variação homóloga do Índice de Preços no Consumidor em Portugal baixou de 10,1% em outubro para 9,9% em novembro. Na zona euro, considerando o Índice Harmonizado, o recuo foi ainda mais

marcado, de 10,6% para 10%, segundo a estimativa rápida do Eurostat — o valor definitivo será publicado depois do fecho desta edição.

“A descida consistente dos preços da energia nos mercados internacionais aumenta a probabilidade de que o pico de inflação já tenha sido ultrapassado” em Portugal e na zona euro, afirma Paula Carvalho, economista-chefe do BPI. “Existem riscos”, porque estamos ainda no princípio do inverno e as taxas de inflação subjacente (sem as componentes mais voláteis) mantêm-se pressionadas, mas a economista vê motivos de “otimismo”: redução dos estrangulamentos

O AUMENTO DOS PREÇOS COMEÇOU PELA ENERGIA E ALIMENTOS, MAS JÁ SE DISSEMINOU PELA ECONOMIA

nas cadeias de valor globais, efeitos de segunda ordem (aumentos salariais) “bastante controlados” e “investidores continuam a acreditar na capacidade de os bancos centrais controlarem a inflação” — a taxa implícita nos contratos de *swap* de longo prazo permanece em torno dos 2% nos Estados Unidos e na zona euro.

Ricardo Reis, professor da London School of Economics, no Reino Unido, antecipa “que a inflação começa uma trajetória descendente sustentada durante os próximos seis meses”, por causa “da combinação de preços da energia estáveis ou decrescentes e da subida das taxas de juro pelo BCE”. Já Pedro Brinca, professor da Nova SBE, espera “uma desaceleração acentuada das taxas homólogas a partir de janeiro”.

Até porque os preços das matérias-primas estão a cair desde o verão, embora “os dados do Eurostat mostrem que os bens industriais ainda não começaram uma trajetória de descida, ao contrário dos serviços”, e “com a entrada no inverno é inevitável que os preços do gás natural e ele-

tricidade na Europa voltem a subir”, alerta.

Inflação mantém-se longe dos 2% de referência

Apesar da descida, os economistas avisam que a inflação vai manter-se no próximo ano bem acima dos 2%, valor de referência para o BCE. Até porque o indicador de inflação subjacente (exclui os bens alimentares não-transformados e energéticos, com preços mais voláteis), a que os bancos centrais dão muita atenção, ainda não inverteu a trajetória de subida, seja em Portugal, seja na zona euro, e está em níveis muito elevados (ver gráficos).

O PROCESSO DE DESINFLAÇÃO NA EUROPA ESTÁ MAIS ATRASADO DO QUE NOS ESTADOS UNIDOS

“A inflação subjacente mostra que os aumentos dos preços estão a contaminar toda a economia, e não apenas a energia e os bens alimentares”, afirma João Borges de Assunção, professor da Católica-Lisbon, considerando que “o BCE tem um problema de credibilidade para conseguir ancorar as expectativas de inflação na casa dos 2%, nos termos do seu mandato”. Ricardo Reis lembra que “as subidas da inflação tendem a ser persistentes, sobretudo na inflação subjacente”. E explica: “Ainda há bens e serviços cujos preços estão a ser atualizados em resposta ao aumento dos preços de outros bens e serviços nos últimos 12 meses.” Também Paula Carvalho aponta que “esta componente tem um comportamento tipicamente desfasado em relação ao índice global, dada a forma de fixação dos preços de alguns bens e serviços”.

Os dados “sinalizam que o processo de desinflação na Europa poderá estar mais atrasado do que nos Estados Unidos”, onde a inflação subjacente está a recuar desde outubro e a inflação total desde julho, salienta Pedro Brinca.

Gás, óleos alimentares, leite e ovos: os preços que mais

Energia e alimentos continuam a liderar aumentos em Portugal. Serviços médicos com a maior queda

A “trégua” ligeira nos preços da energia e dos produtos alimentares não-transformados está na base da descida da inflação em novembro. A variação homóloga do Índice de Preços no Consumidor passou de 10,1% em outubro para 9,9%.

Segundo o Instituto Nacional de Estatística (INE), a variação do índice relativo aos produtos energéticos diminuiu para 24,7% em novembro (27,6% em outubro) e o índice referente

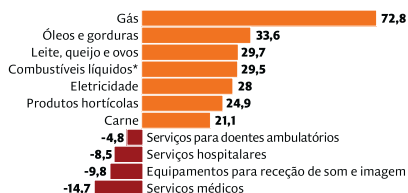
aos produtos alimentares não-transformados caiu para 18,4% (18,9% em outubro). Por contraste, os preços dos produtos alimentares transformados aceleraram, aumentando 16,8%.

Mas uma análise aos dados detalhados do INE mostra que na lista de bens e serviços com maiores aumentos de preços em Portugal não há mudanças de fundo: a subida continua a ser dominada precisamente pela energia e alimentos. Ou seja, bens essenciais com grande peso no orçamento das famílias.

O gás surge na primeira posição, destacado, com um incremento de 72,8% em no-

OS PREÇOS QUE MAIS SOBEM E DESCEM EM PORTUGAL

Variação homóloga do Índice de Preços no Consumidor em novembro, por consumo individual por objetivo, em percentagem



*Para aquecimento

FONTE: INE

vembro face ao mesmo mês de 2021. Ainda assim, ligeiramente abaixo dos 74,5% de aumento registados em outubro. Ainda na energia, combustíveis líquidos (para aquecimento) e electricidade também se contam entre os maiores aumentos de preços, com subidas de 29,5% e de 28%, respetivamente. Mas se no primeiro caso o valor ficou abaixo do de outubro, no segundo deu-se uma ligeira aceleração.

Nos alimentos, os óleos e gorduras destacam-se, com uma subida de preço de 33,6%, valor acima do incremento de 30,9% em outubro. Seguem-se leite, queijo